

As questões relativas a gênero e tecnologia vêm despertando um interesse cada vez maior na academia e, também, no mercado de trabalho. Este interesse torna-se mais acentuado quando se percebe que o número crescente de mulheres nas áreas acadêmicas é uma realidade, porém nem sempre tratada de maneira a garantir a equidade de gênero.

No caso da Oficina realizada durante o V Fórum Social Mundial, na cidade de Porto Alegre em 2005, foi possível visualizar a importância do tema e o grande interesse em debater as questões de gênero no âmbito da educação tecnológica. Professores/as e alunos/as de diferentes áreas do conhecimento prestaram depoimentos que evidenciam o quanto o sistema de ensino brasileiro, em suas diversas modalidades ou níveis (profissional, técnico, fundamental, médio, universitário ou pós-graduação), não está preparado para tratar homens e mulheres com igualdade de condições, especialmente nas áreas tecnológicas.

A visão dicotômica de gênero que estabelece modelos diferentes e opostos para homens e mulheres vem historicamente interferindo na escolha profissional de alunos e alunas, direcionando de forma acentuada os homens para as profissões técnicas e as mulheres para as humanidades ou as profissões da área de saúde.

Há professores que sequer se apercebem como ocorre esta dinâmica e há, ainda, outros que consideram "natural" que assim o seja. São atitudes que, não só perpetuam os padrões tradicionais de gênero, mas, pior do que isto, que levam à discriminação e à desigualdade de gênero quando alunos ou alunas rompem com os estereótipos tradicionais de profissionais masculinos ou femininos.

As discussões ocorridas durante esta Oficina concluíram que para mudar os padrões estabelecidos de gênero no universo tecnológico, onde o poder masculino é hegemônico, e a mulher exerce funções secundárias, torna-se necessário trabalhar junto às novas gerações. Para tanto, a escola seria o locus privilegiado para esta mudança.

Entretanto, para que crianças, jovens e adultos não assumam atitudes discriminatórias de gênero é necessário que seus professores e suas professoras desenvolvam sensibilidade e habilidades que lhes possibilitem problematizar a construção social do gênero junto aos alunos e alunas, a fim de desconstruírem os modelos desiguais e construir relações em que a dominação masculina seja relativizada. Por esta razão, a conclusão da Oficina gerou uma proposta para ser encaminhada ao MEC para que determinasse a obrigatoriedade de trabalhar as questões de gênero e tecnologia em todos os níveis e modalidades de ensino, especialmente no ensino tecnológico.

Seguindo esta mesma problemática, porém sob um outro ângulo, o artigo apresentado pelas pesquisadoras da Universidade de Vigo - Espanha trata do desempenho e da premiação das mulheres no sistema universitário espanhol e sua evolução no período de 1985 a 2003. É importante ressaltar que o fenômeno em que as áreas das ciências exatas e tecnológicas apresentam uma minoria de mulheres se manifesta não só na Europa, como mostra este artigo, mas também no Brasil, conforme já foi evidenciado inclusive em outros artigos deste mesmo periódico¹.

Na pesquisa sobre a Espanha pode-se perceber que houve um significativo aumento do nível de excelência das mulheres no decorrer dos anos, ou seja, nos anos de 1987 e 1989 o número de mulheres premiadas era menor do que a partir de 1997, tendo um aumento maior a partir de 2000 até 2003. Este fenômeno ocorre em todas as áreas do conhecimento analisadas: ciências sociais e jurídicas, humanidades, ciências experimentais e da saúde e as áreas de ensino tecnológico.

Há uma variação de premiação nessas diferentes áreas do conhecimento, pois a área na qual se encontra o maior número de premiações é a área do ensino tecnológico, seguida das ciências experimentais e da saúde, das ciências sociais e jurídicas e, por fim, a área das humanidades. Em todas elas há um desequilíbrio

entre um número maior de homens premiados do que o de mulheres (desequilíbrio maior ou menor, dependendo da área), sendo que a área das ciências experimentais e da saúde é a exceção, pois apresenta um relativo equilíbrio entre homens e mulheres premiados/as (50,9% de mulheres e 49,1% de homens).

O desequilíbrio maior está nas áreas de ensino tecnológico que, além de ser a que recebeu a maior premiação, é a que possui a maior porcentagem de homens em comparação com o número de mulheres (81,2% de homens e 18,8% de mulheres). Não resta dúvida que as mulheres são minoria nas ciências exatas e nas engenharias; no entanto, as autoras mostram que, se considerarmos esta desproporção, o número de mulheres premiadas por excelência corresponde à quase totalidade delas (de 26,9% de mulheres matriculadas, 25,4% obtiveram prêmios) o que lhes permite dizer que as mulheres que atuam no ensino tecnológico possuem melhores iniciativas e um superior nível de qualificação.

As autoras destacam o caso das humanidades que apresentam a maior desproporção entre presença e excelência, em que os homens, apesar de minoria, são os que conseguem os melhores currículos. Na análise quantitativa realizada pelas pesquisadoras espanholas deve-se, portanto, levar em consideração a relação entre a presença de mulheres e homens nas diferentes áreas do conhecimento e o nível de excelência.

Os dois artigos que compõem este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia trazem contribuições importantes e se completam, pois enquanto o primeiro realça a importância de se conhecer a realidade de gênero na educação tecnológica e chama a atenção para a importância da escola na reprodução ou transformação dos padrões desiguais vigentes, o segundo mostra, com base em números e análises quantitativas, as especificidades das relações de gênero nas diferentes áreas de conhecimento e a desigualdade de gênero que se reproduz dentro delas, através do sistema de premiação e avaliação de excelência.

Não se pode esquecer que para modificar um fenômeno é necessário antes conhecê-lo; portanto, os estudos e pesquisas sobre gênero e tecnologia são fundamentais, pois ampliam o conhecimento de peculiaridades que muitas vezes ficam invisíveis no emaranhado das relações sociais. Os dois artigos aqui apresentados trazem à tona e visibilizam desigualdades de gênero que nem sempre são percebidas na vida cotidiana. Ao “desnaturalizarmos” estas relações (através do conhecimento de sua dinâmica) percebe-se que é possível modificá-las, “pois o desconhecimento e a negação de uma realidade são o primeiro passo para perpetuá-la”².

Marília Gomes de Carvalho

Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Tecnologia-GeTec
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia-PPGTE

¹ Ver: MUNDER, Irmaud et al. Mujeres y estudios técnicos, ¿conceptos compatibles? Tentativa de una comparación intercultural entre Alemania y Brasil. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, n. 01, p. 20-38, 2005. CASAGRANDE, Lindamir Salete et al. Engenheiras no CEFET-PR. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, n. 02, p. 37-44, 2005. TAKAHASHI, Emilia Emi. A formação militar sob o enfoque de relações de gênero: uma experiência. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, n. 03, p. 21-38, 2005. CASAGRANDE, Lindamir Salete et al. Mulher e ciência: uma relação possível? *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, n. 4, p. 31-46, 2005. SILVA, Nanci Stancki; GITAHY, Leda Maria Caira. Gênero e divisão sexual do trabalho no Brasil. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, n. 08, p. 25-48, 2006.

² FERNÁNDEZ, María Lameiras, FERNÁNDEZ, María Victoria Carrera, MANGANA, Ana María Núñez y CASTRO, Yolanda Rodríguez. Evolución de la excelencia universitaria demostrada por las mujeres españolas en el período 1985-2003, neste exemplar.